

**PELAS VEREDAS DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL:  
APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO FREIRIANO E AS AÇÕES  
CULTURAIS DO MOVIMENTO CULTURAL APUÍ<sup>1</sup>**

***A LO LARGO DE LOS CAMINOS DE LA TRANSFORMACIÓN SOCIAL:  
ACERCAMIENTOS ENTRE EL PENSAMIENTO FREIRIANO Y LAS  
ACCIONES CULTURALES DEL MOVIMIENTO CULTURAL APUÍ***

***SOCIAL TRANSFORMATION WAYS:  
APPROXIMATIONS BETWEEN FREIREAN THOUGHT AND THE  
CULTURAL ACTIONS OF THE APUÍ CULTURAL MOVEMENT***

JOSE CARLOS FRANCO DE LIMA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA- UFRR  
BOA VISTA, RORAIMA, BRASIL  
JOSECARLOSFRANCODELIMA@GMAIL.COM  
HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-3114-1618

FERNANDA INGREDY DANTAS DE ARAÚJO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR  
BOA VISTA, RORAIMA, BRASIL.  
FERDANTASARAJO@GMAIL.COM  
HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-9480-6758

LEYDE DAYANE MARTINHO DE ANDRADE  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO AMAZONAS – SEE/AM  
BOA VISTA, RORAIMA, BRASIL.  
MLEYDEDAYANE@HOTMAIL.COM  
HTTP://ORCID.ORG/0000-0002-7558-1319

**RESUMO:** Nosso objetivo neste artigo é fazer algumas aproximações entre as ações culturais desenvolvidas no movimento cultural apuí em Boa Vista (RR) e o pensamento freiriano no tocante a busca de transformação social. Optamos pela Pesquisa Ação Participante para delinear nosso processo reflexivo em razão de sermos agentes culturais/pesquisadores. Baseados em nossas experiências e registros abrimos um diálogo com a obra de Paulo Freire. Iniciamos fazendo alguns apontamentos gerais sobre esta concepção metodológica para em seguida trazermos informações sobre o contexto migratório em Roraima e uma breve descrição do movimento cultural apuí. Selecionamos três ações culturais realizadas no âmbito do movimento realizadas no período de 2019-2020: português de acolhimento, oficina de gênero e círculos de estudo sobre alimentação saudável. Estabelecemos como fio condutor para a reflexão a transformação social, a nosso ver um eixo teórico-prático presente no pensamento freiriano e nas ações do movimento. Na parte final do artigo abordamos de uma forma mais conceitual a questão da transformação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transformação Cultural. Educação Não-Formal. Gênero. Migração. Alimentação Saudável.

**ABSTRACT:** The article objective is the approximation between cultural actions developed in the Apuí cultural movement in Boa Vista (RR) and the Freirean thought regarding the search for social transformation. We opted for the Participant Action Research to outline our reflective process because we are cultural agents / researchers. Based on our experiences and records, we opened a dialogue with the Paulo Freire's work. We started by making some general notes on this methodological conception in order to bring information about the migratory context in Roraima and a brief description of the apuí cultural movement. We selected three cultural actions carried out within the scope of the movement developed in the period of 2019-2020: welcoming Portuguese, gender workshop and study circles on healthy eating. We established the social transformation as a guiding thread for reflection, in our view a theoretical-practical axis present in the Freirean thought and in the movement's actions. In the final part of the article we approached the question of social transformation in a more conceptual way.

<sup>1</sup> O movimento cultural apuí é constituído pelo conjunto das ações culturais desenvolvidas nos espaços ecoculturais Comuna e Recanto em Boa Vista (RR). A origem do nome é uma homenagem a uma árvore enorme da espécie apuí localizada no quintal do Recanto cuja sua sombra serve de abrigo para muitas atividades desenvolvidas no movimento.

**KEYWORDS:** Cultural Transformation. Non-Formal Education. Genre. Migration. Healthy Eating.

**RESUMEN:** Nuestro objetivo en este artículo es hacer algunas aproximaciones entre las acciones culturales desarrolladas en el movimiento cultural apuí y el pensamiento freiriano en torno a la búsqueda de la transformación social. Optamos por la Investigación Acción Participante para delinear nuestro proceso de reflexión porque somos agentes culturales/investigadores. A partir de nuestras experiencias y registros, abrimos un diálogo con la obra de Paulo Freire. Empezamos haciendo algunos apuntes generales sobre esta concepción metodológica para luego traer información sobre el contexto migratorio en Roraima y una breve descripción del movimiento cultural apuí. Seleccionamos tres acciones culturales realizadas en el ámbito del movimiento realizado en el período 2019-2020: portugués de acolchamiento, taller de género y círculos de estudio sobre alimentación saludable. Establecimos como línea conductora de las reflexiones la transformación social, a nuestro juicio un eje teórico-práctico presente en el pensamiento freiriano y en las acciones del movimiento. En la parte final del artículo, abordamos la cuestión de la transformación social de una manera más conceptual.

**PALABRAS CLAVE:** Transformación Cultural. Educación No Formal. Género. Migración. Alimentación Saludable.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é uma tentativa de fazer uma aproximação entre conceitos freirianos e práticas de transformação social do movimento cultural apuí. Uma reflexão sobre transformação social a partir de três ações culturais do movimento apuí em Boa Vista-RR: Oficina de Gênero; português de Acolhimento para Migrantes e Círculos de Estudos sobre Alimentação Saudável. Iniciamos o artigo apresentando o contexto migratório em Roraima, em seguida falamos sobre o Movimento Apuí e seus propósitos. Depois, realizamos um delineamento dos princípios da pesquisa ação participante, metodologia que nos balizou na produção dessas reflexões. Avançamos para a transformação social pela via da emancipação social. E encerramos pensando a relação ação social/consciência.

Cabe observar que ao afirmarmos a cooperação social, o respeito à diversidade sociocultural ambiental e a construção de uma sociedade justa nos contrapomos às forças econômicas, políticas e ideológicas que defendem a concorrência, o individualismo o consumismo irresponsável e a exploração destruidoras dos biomas como fundamentos da vida humana.

Fome, desemprego, machismo e preconceito compõe um contexto opressor que põe os migrantes venezuelanos no limite do insuportável. Os encontros da oficina de gênero, as aulas de português de acolhimento e os círculos de estudo sobre alimentação saudável foram *ilhas* de proteção e aconchego, diálogo e apoio no *mar* de opressão que nos cerca. Espaços de afirmação de identidades vividas antes da migração. Momentos coletivos libertadores inesperados, inesperados viáveis.

## O CONTEXTO MIGRATÓRIO EM RORAIMA

O estado de Roraima tem uma população em torno de 650 mil habitantes e um território de 224.299 km<sup>2</sup>. O censo de 2010 contabilizou 95 mil maranhenses no estado. Os migrantes maranhenses vieram para Roraima entre os anos 70 e 90. Representam quase um quarto da população do estado. Inicialmente vieram para trabalhar na agricultura e no garimpo. Além dos maranhenses, existem os indígenas, que segundo uma pesquisa da Organização dos Indígenas da Cidade (ODIC), em 2007 havia 32 mil indígenas morando em Boa Vista (RR): Macuxis,

Wapixanas, Yekuanas, Pemons, Wai-wais e alguns ianomâmis. É muito comum famílias indígenas terem casa na cidade. Inclusive há várias casas de apoio das organizações indígenas em Boa Vista (RR). O movimento indígena ligado às terras indígenas é o movimento social mais expressivo no estado.

Maranhenses, indígenas da cidade e venezuelanos representam três universos culturais distintos nos setores populares da população de Roraima. A integração dos migrantes venezuelanos com os maranhenses que moram no estado e com os indígenas da cidade, articulando suas lutas por melhores condições de vida em pequena escala é um dos focos de algumas ações do movimento.

Nas últimas décadas do século XX e primeira década do século XXI, brasileiros migraram para a Venezuela com o objetivo de trabalhar no garimpo de ouro, muitos, inclusive, chegaram a adquirir cidadania venezuelana durante o governo Chávez. Recentemente houve a inversão desse fluxo. Devido ao aprofundamento das disputas entre governo e oposição na Venezuela, na segunda década do século XXI, sanções econômicas norte-americanas e queda do petróleo no mercado internacional, o país entrou num processo de desabastecimento. Somase a isso o aprofundamento da crise hídrica na região do Rio Orinoco e no Vale de Caracas.

A partir de 2016 houve uma intensificação da vinda de venezuelanos indígenas e não indígenas para Roraima, em especial para a cidade de Boa Vista, capital do estado. A migração massiva ganhou visibilidade nas ruas, empresas e mídia. Grupos de homens pedindo trabalho com cartazes de papelão em pontos estratégicos nas principais avenidas, mendicância, “limpavidros” em semáforos, músicos em bares e restaurantes, funcionários de empresas falandoportunhol (LIMA, 2019, p. 01)

A situação da migração venezuelana entrou em pauta nas conversas de bares, nos lanches de rua, nas salas de aulas das universidades, nas filas de espera dos hospitais e postos de saúde, bem como nas casas das famílias e na mídia. A culpabilização dos migrantes pelo desemprego, precariedade do sistema de saúde público e pelo aumento dos furtos e assaltos se tornaram discurso eleitoral para quase todos os candidatos em 2018, tanto para responder ao eleitorado local, quanto para desviar o foco das eleições sobre questões econômicas e políticas nacionais.

Eram comuns comentários com discurso de ódio, explícito ou velado, onde se podia observar rancor e ressentimento quando os brasileiros faziam comparação entre o tratamento que os venezuelanos recebiam das ONGs e do próprio Estado e, supostamente, o tratamento que os brasileiros recebiam na Venezuela (PERES, 2020, p 63).

A maioria das ofertas formais de emprego na cidade de Boa Vista (RR) está vinculada ao serviço público municipal, estadual e federal. A manutenção de ruas e rodovias é um exemplo, é comum a contratação de empresas terceirizadas pelo setor público para os serviços municipais de limpeza de rua e dos hospitais públicos. A recessão econômica brasileira, iniciada no final de 2014, aumentou o desemprego no país, em especial em Boa Vista (RR), principalmente em decorrência da redução de investimentos públicos em obras de infraestrutura.

Devido a essa conjuntura, trabalhadores venezuelanos passaram a representar um contingente adicional de mão-de-obra excedente no mercado de trabalho local. Iniciou-se um processo de substituição de mão de obra brasileira por migrante. Isso se deve a três fatores: a migrante é qualificada; a remuneração que recebem é inferior a paga aos brasileiros; e neste momento estão na condição de trabalhadores submissos, devido à situação de extrema necessidade a que estão submetidos.

Roraima conta com 13 abrigos destinados para o acolhimento dos migrantes, porém a maioria deles vive em apartamentos térreos, tipo quitinete, nas chamadas vilas ou estâncias, que são imóveis com vários apartamentos alinhados nos limites laterais do terreno, um após outro. O

grau de insalubridade é alto, pois os tetos são, em geral, de telhas de fibrocimento sem forração interna, somado a isso, as temperaturas locais mantêm uma média anual entre 35 a 40 graus. O aluguel é pago com trabalho formal ou informal. Muitos acabam trabalhando para comer e pagar o aluguel. Outras questões são a dificuldade em se comunicar na língua portuguesa, o desconhecimento dos direitos sociais, a falta de empregos, o machismo e o preconceito. Tudo isso torna a vida do migrante estressante, tendo que construir possibilidades no dia a dia.

## O MOVIMENTO CULTURAL APUÍ

O movimento cultural apuí é constituído pelo conjunto das ações culturais desenvolvidas nos espaços ecoculturais Comuna e Recanto. A Comuna foi criada em 2005, no bairro União, por um grupo de artistas de rua que passou por Boa Vista (Roraima). O Recanto, por sua vez, foi criado em 2010 por artistas de rua, terapeutas alternativos, agroecologistas e educadores para ser um espaço autossustentável. A partir de 2015 as casas passaram a receber refugiados venezuelanos. Atualmente funcionam como espaços ecoculturais onde se realizam ações como estudos e práticas de relaxamento e alimentação saudável; grupo de gênero; Português de Acolhimento; plantio de macaxeira na área rural; hospedagem de migrantes em passagem; moradia para famílias de migrantes; compostagem; vivências de meditação e percepção corporal; grupo de apoio e suporte a crianças em situação de trauma por refúgio; horta e jardinagem; oficina de artes plásticas; oficina de empreendedorismo comunitário; prática de ioga; mutirões para reforma e manutenção dos espaços; danças circulares; apresentações de teatro e música. As festas de aniversários e datas comemorativas, as refeições comunitárias e reuniões gerais do movimento se tornaram momentos de encontro para o conjunto do movimento. No período da quarentena essas aglomerações foram suspensas.

A continuidade e ampliação das ações culturais tiveram um impulso fundamental nos últimos dois anos no apoio da CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços): “Projeto de Revitalização da Casa abrigo Comuna do Bairro União” (2018.2), “Projeto de formação para migrantes das casas abrigo Recanto e Comuna” (2019.1), “Projeto para integração de mulheres maranhenses, venezuelanas e indígenas na zona oeste de Boa Vista - RR” (2019.2) e “Projeto Cestas básicas de alimentos imunomoduladores e comunicação virtual intramovimento” (2020.2); e nas campanhas de doações organizadas por uma voluntária que atualmente vive em Coimbra (Portugal), inclusive ela ficou imersa por dois meses nas atividades do Recanto em 2018. Nesse processo contamos também com a assessoria do Projeto de Extensão de Apoio aos Refugiados em Roraima do Instituto de Antropologia da UFRR e a atuação de estagiários de Psicologia nas ações. Em agosto de 2019 foi criada uma associação sem fins lucrativos para operacionalizar institucionalmente parcerias. A instância para tomada de decisões continua sendo a reunião geral do movimento, onde participam moradores das casas, participantes das ações culturais em andamento, voluntários, apoiadores e universitários. Todos com direito a voz e voto, inclusive os adolescentes.

O movimento se fez numa trajetória de intenso diálogo, se transformando num porto seguro onde existe uma forte reflexão coletiva acerca das vivências. Nas reuniões gerais com participantes das ações, facilitadores, educadores, organizadores e apoiadores foi possível estabelecer algumas diretrizes para essa experiência, como instrumentalizar os migrantes com conhecimentos que viabilizassem a inserção social e o enfrentamento dos desafios da igualdade de gênero, o desenvolvimento da percepção corporal e de habilidades para se comunicar em português.

## A PESQUISA AÇÃO PARTICIPANTE

Metodologicamente nos balizarmos na concepção de *Pesquisa Ação Participante*, uma síntese entre a psicologia comunitária do cotidiano (Alejandra Cedeño), pesquisa ação (Michel Thiollent), pesquisa participante (Carlos Rodrigues Brandão), *investigación acción participativa* (Orlando Fals Borda) e pesquisa inserção e pesquisa convivência (José Carlos Franco de Lima).

Apresentamos no III Seminário Nacional de Pesquisa em Extensão realizado pela (UFPB/2016) o conceito de pesquisa ação participante. Partimos de experiências concretas de interação entre psicologia social, ecologia e antropologia a partir das ações culturais articuladas no *Projeto de Pesquisa Recantos de Beleza e Resistência* (2014-2016) coordenado pela Dra. Alejandra Cedeño (Universidade Estadual de Londrina/PR) que buscava apoiar iniciativas de organizações sociais geradoras de beleza e constatar se as mesmas funcionavam como prevenção à violência em regiões que se caracterizam pela presença do tráfico de drogas e pela oferta precária de políticas públicas em Caracas (Venezuela) e Londrina (Brasil). De 2017 a 2020 aplicamos essa metodologia no Projeto de Apoio aos Refugiados em Roraima vinculado ao Instituto de Antropologia da UFRR.

Inicialmente queremos deixar claro que somos agentes culturais que facilitam, articulam e organizam ações culturais no movimento apuí. Ao mesmo tempo somos pesquisadores acadêmicos no campo da educação e cultura.

Assumimos a posição de pesquisadores sociais quando nos reunimos para refletir sobre as ações culturais que estamos desenvolvendo, dialogando com conceitos teóricos, no caso conceitos freirianos, para produzir conhecimentos em linguagem científica. Porém em nenhum momento nos preocupamos em transformar as ações do movimento em situações-laboratório ou as pessoas em objetos de pesquisa.

Nosso compromisso com o processo de intervenção cultural tem a ver com nossas opções de trabalho com grupos subalternos em nossa sociedade e com o estilo de vida que acreditamos.

## PRINCÍPIOS NORTEADORES DA PESQUISA AÇÃO PARTICIPANTE

Estar presente é a condição básica para o encontro com as coletividades envolvidas nas ações culturais. Nessa proposta a pesquisa é um encontro. O que supõe estarmos disponíveis para perceber o outro para além das palavras. É olhar, é tocar, é observar, é interagir, é expor-se, é estar no aqui e agora. Trazemos os pressupostos: princípios, teorias, conceitos, valores, técnicas de observação e intervenção para *o aqui e agora da ação cultural* permitindo que sejam colocados em *xoque*, permitimos *renunciar* a planejamentos se necessário. A situação concreta nos guia. O direito ao bem estar e a beleza, a construção de vínculos afetivos e a construção de espaços de diálogo compõem o horizonte utópico do campo relacional no qual nos movemos.

Propomos um estado de presença que consiste em pôr nossa atenção no aqui e agora. Uma tentativa de suspender ou atenuar nossas representações significativas do mundo. Estando presentes, apoiando e fazendo a interlocução com as participantes de ações culturais em andamento, bem como com os companheiros de pesquisa. Com cuidado e prudência atribuímos significados e nos posicionaremos sobre ações a serem desenvolvidas. Propomos atenuar os enquadramentos teóricos baseados em juízos previamente estabelecidos.

No campo das ações culturais se manifesta o que nos habita e atravessa, inclusive pesares, lamentos e dores. Os grandes temas perenes e pontuais presentes em nossa sociedade se manifestam. Porém as formas como serão abordados ou *digeridos* nos momentos coletivos dependerá de cada situação.

Um dos desafios foi combinar linguagem e tempo acadêmicos com os tempos das ações. Os estudantes da Universidade Federal que estagiaram conosco ou fizeram Trabalhos de Conclusão de Curso no movimento tiveram grande dificuldade em compatibilizar o acompanhamento do dia a dia do movimento com as atividades acadêmicas. Tentamos construir um diálogo de saberes transitando entre a linguagem científica e linguagem popular.

Algumas implicações dessa presença junto aos coletivos das ações culturais são o consentimento para dar publicidade sobre o andamento das ações e a clareza sobre as instâncias diretivas e relações de poder internas de cada ação e do movimento como um todo.

Outro princípio que compõe nossa visão epistêmica é a construção da compreensão crítica das macroestruturas sociais na sociedade globalizada, a partir das vivências cotidianas, em vistas a garantir a autonomia dos movimentos socioculturais e traçar estratégias possíveis para ações afirmadoras da criatividade, convivência colaborativa e justiça social

## O REGISTRO DAS AÇÕES CULTURAIS

A documentação e registro das ações culturais desde sua preparação até a avaliação final é um procedimento que adotamos para compor um acervo de informações para acessarmos quando queremos refletir sobre o movimento. Estamos aqui diante de um grande desafio pois o registro envolve experiências pessoais e grupais; representações conceituais e poéticas. Nesta proposta metodológica o registro é um exercício de presença relacional. Mais que uma técnica é a arte de registrar e expressar os biorelacionamentos.

Chamaremos de *pasta rascunho* esse conjunto de anotações que os agentes culturais/pesquisadores fazem na qual ele põe tudo o que tem vontade de registrar no fervilhar da ação ou na serenidade da contemplação. Neste momento não está preocupado com efeitos de estilo. São textos, desenhos, poesias, riscos, rabiscos, fotos, vídeos, citações, narrativas espontâneas, pode conter códigos abreviados, palavras perdidas, frases desconexas. Também pode ser fluente, escultural, delineado por uma plasticidade peculiar. Há uma intimidade nesta pasta rascunho que somente o autor ou pessoas muito próximas e confiáveis devem ter acesso. Pierre Barbier (2007, p. 138) denomina “*diário rascunho*” esse emaranhado de referências múltiplas a acontecimentos, reflexões, comentários científicos ou filosóficos, devaneios, sonhos, desejos, poemas, leituras, reações afetivas. Ele tem um caráter de sigilo e intimidade.

A organização do banco de dados: diário de campo, fotografias, vídeos, áudios e documentos é o passo seguinte. Geralmente recorremos ao banco de dados para fazer relatórios das ações desenvolvidas para parceiros institucionais ou colaboradores independentes. Pode-se avançar para a formação de um acervo aberto ao público com informações sobre as ações.

As estratégias de caráter participativo para definir quais informações serão apresentadas, como e para quem dependem das condições reais de cada ação. Bem como o uso de imagens é precedido por um livre consentimento por parte dos participantes das ações. Tem sido comum o compartilhamento de fotos em redes sociais por parte dos envolvidos nas ações, normalmente sem anuência formal dos grupos. Porém quando alguém não quer ser exposto, geralmente se manifesta de imediato.

Denominaremos *reflexões socializadas* as reflexões que fazemos a partir da pasta rascunho e do banco de dados para apresentar a grupos, publicar em redes sociais ou revistas e eventos científicos. São conhecimentos produzidos pelos agentes culturais/pesquisadores quando querem refletir sobre as ações ou organizações sociais.

## A OFICINA DE GÊNERO

A oficina de gênero teve início em maio de 2019. O planejamento inicial previa 8 encontros de 4 horas nos sábados de manhã nos meses de maio e junho de 2019. Os encontros foram concebidos tendo em vista a comunicação eficiente através de dinâmicas que facilitassem o diálogo grupal em vistas a estabelecer consonância com o contexto concreto daqueles que se comunicam. Para isso, nos debruçamos na tentativa de criar conjuntamente novos simbolismos para o pensado, que permitissem a produção de uma leitura de mundo. Encontramos aqui uma convergência importante com os princípios freirianos. A leitura do mundo através do diálogo.

Na oficina de gênero contamos com a participação majoritária de mulheres venezuelanas. Porém, houve participação de uma indígena brasileira e de uma indígena venezuelana e alguns poucos homens, além dos facilitadores, provindos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Roraima. Algumas pessoas participavam mais assiduamente, outras visitavam. Quando olhamos para as idades dos que estavam ali presentes tínhamos uma grande variedade, presença de diferentes gerações, variando entre 20 a 80 anos. Vinham de várias localidades da Venezuela. Geralmente ficávamos em torno de 20 pessoas.

No planejamento inicial foram previstos oito encontros, com discussões acerca das relações e papéis de gênero; identidade; comunicação e convivência; maternidade e paternidade; significado de ser mulher migrante e ser homem migrante; trabalho; corpo e autoestima. Quando falamos leitura de mundo entendemos a interpretação das relações de gênero a partir das experiências cotidianas e a busca de caminhos para as mulheres se empoderarem num mundo dominado por homens. À medida que nos reunimos, avaliamos as necessidades que surgiam dentro do grupo.

Durante nossos encontros vivenciamos a concepção freiriana de que os oprimidos devem ser sujeitos do conhecimento. Principalmente para os facilitadores' da oficina, a imersão nesse processo de diálogo foi inevitável e por muitas vezes solicitada pelos participantes. Logo percebemos que os papéis de facilitadores e participantes se fundiam e tinham que se fundir, confundir. Afinal, quem ali era apenas facilitador ou apenas participante? Ninguém.

Ao refletir sobre nossas conversas na oficina, faz muito sentido a fala de Freire (1987, p. 53) em que afirma: “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar”. As discussões acerca das problemáticas propostas nos mantiveram em constante diálogo e revisão das nossas concepções, gerando um movimento de permanência-mudança da realidade, inserido numa dialética que possibilitou um processo educativo contínuo.

Na oficina de gênero convivemos com diferentes concepções de mundo, lidamos com conflitos de gênero, mas também geracionais. Nesses momentos percebemos que a problematização é uma possibilidade de abertura de novos caminhos de compreensão. *No fundo, em seu processo, a problematização é a reflexão que alguém exerce sobre um conteúdo, fruto de um ato, ou sobre o próprio ato, para agir melhor, com os demais, na realidade* (FREIRE, 1983,

p. 57). O movimento que observamos no decorrer das reuniões é aquele apontado por Freire, onde o nós-pensamos torna possível o pensar de cada um.

Juntos, percebemos a necessidade de desconstruir as crenças fatalistas que nos imobilizam e tentam nos convencer de que nada se pode fazer contra a realidade social. Nossas principais ferramentas foram a integração grupal e a ruptura com os estereótipos reproduzidos e impostos diariamente.

Ao discutirmos aspectos da identidade, se destacou nos relatos uma espécie de cisão, como se houvesse duas identidades, uma no Brasil/Roraima (tempo presente) e uma na Venezuela/São Gabriel da Cachoeira (tempo passado). Foi apontada a vivência de uma condição de identidade coletiva que experimentam aqui, principalmente por parte dos participantes venezuelanos, sendo rotulados como migrantes e o tempo todo lembrados dessa condição. Trazer à tona os projetos de vida e compartilhar as diferentes concepções que tínhamos sobre ser homem, ser mulher e ser migrante foi extremamente importante nesse momento, pois permitiu uma ruptura com as prescrições impostas:

A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da capacidade de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade. Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resulta de comandos estranhos, já não se integra. Acomoda-se, ajusta-se. O homem integrado é o homem sujeito (FREIRE, 1997, p. 41-42).

Quando chegamos ao oitavo encontro, decidimos que não queríamos parar ali. Nos programamos para continuar nos encontrando e conversando. E assim fizemos. Com o tempo, foi-se formando um núcleo de mulheres, que até hoje mantém vínculos e diálogos. Somos cerca de oito, por vezes acolhendo outras mulheres. Durante essa pandemia nossa comunicação tem se realizado por meio das tecnologias possíveis e nos mostrou que o diálogo é uma ferramenta para o exercício da análise crítica da realidade, que promove a libertação autêntica.

## O PORTUGUÊS DE ACOLHIMENTO PARA MIGRANTES

O curso de Português de Acolhimento foi desenvolvido com migrantes venezuelanos nas casas abrigos Recanto no Bairro Caimbé e Comuna no Bairro União, ambas na cidade de Boa Vista - RR realizado entre os meses de maio a dezembro de 2019. O objetivo do curso foi instrumentalizar os migrantes para audição, entendimento, conversação e compreensão de textos em português. Participaram do curso moradores das casas abrigos e migrantes venezuelanos moradores dos bairros e redondezas, homens e mulheres de diferentes faixas etárias. Foram 36 encontros 2 horas cada.

A migração de Venezuelanos trouxe o aumento da demanda de serviços públicos na áreas de saúde, educação, segurança e trabalho. Porém o poder público não estava preparado para atender. É o que mostra a pesquisa sobre interfaces entre migração e saúde primária na fronteira Brasil-Venezuela publicada em 2020 na coletânea Interfaces da mobilidade humana na fronteira amazônica (OLIVEIRA, 2020, p. 91).

Outro problema decorrente do aumento da migração foi a xenofobia. Descrita pela maioria dos migrantes como uma das maiores dificuldades enfrentadas por eles no processo de migração. O dia a dia desses migrantes e as dores que carregam com toda essa situação é algo que só se pode mensurar quando temos uma experiência de convivência bem próxima a



eles. Essa forma de violência contra os migrantes aparece de forma evidente na pesquisa sobre violência contra migrantes em Roraima realizada em 2018 sob a coordenação da Professora Doutora Francilene Rodrigues (OLIVEIRA, 2020, p. 150 e RODRIGUES, 2020, p. 56).

No primeiro dia de aula, ao apresentar o alfabeto e algumas sílabas foi possível perceber quão grande seria o desafio, ficou claro que já no primeiro instante que não eram apenas migrantes fugindo de uma crise humanitária e sim pessoas que tinham sonhos e expectativas e que naquele momento, de alguma forma, as aulas seriam espaços de confiança onde poderiam expor suas angústias e esperanças. O idioma português, segundo eles, era uma grande barreira no Brasil. Os educandos estavam muito interessados em aprender e demonstravam muita ansiedade. Tomavam nota de tudo e mesmo aqueles que não tinham caderno, levavam folhas de papéis para fazerem suas anotações, eram a maioria. Não levavam caderno porque não tinham como comprar um caderno. Para amenizar esse problema perguntamos se eles tinham e-mail ou se usavam algum tipo de aplicativo de mensagens e quase todos disseram que sim, pois essas ferramentas eram essenciais para manter o contato com as suas famílias, já que uma ligação internacional é muito cara. Preparamos material didático em arquivo de PDF e PowerPoint e enviamos para todos que quiseram.

Nos encontros seguintes começamos a trabalhar nomes de frutas, verduras, comidas e objetos. Surgiram novas experiências: qualquer palavra poderia ser utilizada como âncora para trazer à tona lembranças de suas famílias, de sua cultura e de sua terra. Muitas vezes essas lembranças definiram o programa do curso. Um dos episódios mais marcantes aconteceu no dia em que começamos a falar sobre nomes de comidas, de repente várias pessoas estavam chorando. Acolhemos a situação e abrimos espaço para exporem suas emoções, foi uma experiência incrível, a fala era muito parecida de todos:

Aqui no Brasil a gente vai ao supermercado e tem tudo que a gente precisa pra comprar, apesar das dificuldades. Na Venezuela não é assim, nós simplesmente não podemos mais comprar nada. Não temos mais dinheiro e nada para comprar. Os supermercados estão vazios e os produtos que conseguimos são muito caros. Aqui sempre temos comida, mesmo que a gente não tenha dinheiro para comprar, sempre alguém tem e divide conosco. Ainda assim, ficamos nos sentindo culpados todas as vezes que comemos porque sabemos que nossos familiares não têm o que comer (informação verbal)<sup>2</sup>.

Às vezes podemos ajudar o outro apenas demonstrando respeito pelas suas dores e parando alguns momentos para ouvi-lo. O nome do curso “Português de Acolhimento” fazia todo sentido, as aulas eram um espaço de troca de experiências e recarga de energias para suportarem as dores cotidianas. Eram encontros. Ouvir de uma educanda que já estava no Brasil há mais de dois anos que a única vez que ela se sentiu acolhida no Brasil foi nesse curso nos fez repensar nosso trabalho educativo. Difícil imaginar que alguém sentisse isso no país onde o povo é conhecido como sendo uma população acolhedora. E assim, a cada encontro notava-se um entrosamento maior entre eles e estreitamento afetivo. Era nítido que eles se sentiam identificados uns pelos outros, principalmente em suas dores e expectativas, além do idioma e identidade étnico nacional venezuelana.

Uma situação bastante desconfortável foi ouvir os muitos relatos de xenofobismos enfrentados por eles. Pessoas que não gostam de outras pessoas pelo simples fato delas não serem brasileiras ou por serem venezuelanas. Percebemos que a grande parte sonha em migrar para outros estados ou outros países. Neste contexto passamos a planejar os encontros com reflexões usando canções e dinâmicas que pudessem levar os educandos a se desligarem por alguns momentos de suas dores e inquietações e ajudando-os a continuar sonhando com dias

<sup>2</sup> Fala de participante do curso Português de Acolhimento realizado nos meses de maio e dezembro de 2018.

melhores. Destaco duas canções: “Era uma vez” (Kell Smith) e “Trem bala” (Ana Vilela). A esperança como um princípio condutor do processo educativo é uma postura básica da pedagogia proposta por Paulo Freire e reafirmada por nós nesta experiência educativa.

Percebemos uma similaridade entre a ideia de palavra como âncora para os processos de diálogo e aprendizagem e o conceito de palavra-geradora proposta por Paulo Freire. No curso de português tivemos uma experiência parecida com a oficina de gênero no sentido de abrirem-se horizontes para os inéditos-viáveis, categoria eminentemente freiriana.

Um dos motivos do êxito do curso foi o planejamento do projeto como um todo. O curso de português de acolhimento estava conectado às oficinas e atividades que ocorreram no Recanto e na Comuna durante aquele período: oficina de gênero, oficina de ioga e relaxamento, oficina de empreendedorismo comunitário, atividades com as crianças nos sábados de manhã, reuniões gerais e almoços coletivos nos finais de semana e iniciativas como o curso de customização de sandálias e outros utensílios que aconteceu na Comuna do bairro União. Afinal a sintaxe da fraternidade, da empatia e do respeito pelo próximo estruturou as ações culturais naquele espaço-tempo.

## CÍRCULOS DE ESTUDO SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL.

A preocupação com a alimentação saudável ganhou relevo no movimento durante a imersão da voluntária Camila Pereira nos meses de junho e julho de 2018. Ela era *chef* num restaurante vegano em Nova York (EUA). Durante o período que estava no Recanto organizou vários almoços coletivos com cardápio vegetariano. O tema foi introduzido no Português de Acolhimento e no cotidiano do Recanto. Ao mesmo tempo introduzimos a questão da produção agrícola regional, em especial os derivados de mandioca, produzidos artesanalmente no interior. A discussão voltou ao movimento com a oficina de alimentação saudável em 2019 realizada no mesmo período que a oficina de gênero e o curso de português de acolhimento.

A combinação entre a busca de alimentação saudável que traga saúde e bem-estar combinada com a crítica da alimentação processada industrialmente em larga escala constituiu o eixo condutor nesses processos reflexivos sobre alimentos saudáveis. Percebemos que os condicionamentos relacionados aos hábitos alimentares e a oferta de alimentos saudáveis no comércio interpunha grandes limites às práticas alimentares sadias. Enquanto a goma regional para fazer a tapioca custava cinco (5) reais, a goma industrializada era vendida a dois (2) reais em 2018. Em geral os preços dos produtos de origem agroecológica ou orgânicos são mais elevados que os produtos oriundo da produção convencional baseada em herbicidas, inseticidas e adubos químicos.

No início da pandemia em 2020 retomamos a discussão sobre o tema com os moradores da Comuna e do Recanto, focamos na busca de uma alimentação imunomoduladora e anti-inflamatória. Em seguida definimos os itens da cesta básica de alimentos saudáveis levando em conta os estudos que fizemos e a disponibilidade de produtos regionais. Com a chegada de duas doações em dinheiro para compra de cestas básicas pudemos comprar e distribuir 12 cestas básicas por semana durante quatro meses. Os produtos foram adquiridos na Tenda Trigenros, na Feira do Produtor e na Loja Ervas medicinais. As cestas eram compostas e entregues uma vez por semana por quatro agentes culturais voluntários do movimento. A lista de produtos que compuseram a cesta básica foi definida coletivamente, são os seguintes: alho, cebola roxa, gengibre, coentro, cebolinha, uva-passa, ameixa desidratada, abacate, amendoim, limão, laranja regional, tomate cereja, pimentão, brócolis, couve-flor, couve ,repolho, alface roxo, rúcula, alho poró, cenoura,

espinafre, abóbora, beterraba, pepino, berinjela, maxixe, macaxeira, inhame, cará, batata doce, milho, cúrcuma, urucum, canela, cominho, erva-doce, alecrim, orégano, hibisco, louro, pimenta do reino, melancia, abacaxi, banana, mamão, acerola, polpa de cupuaçu, polpa de maracujá, polpa de açaí, polpa de buriti, castanha-do-Pará, castanha-de-caju, arroz integral, farinha de trigo integral, aveia, lentilha, farinha de mandioca regional, goma, peixe regional, mel, cacau em pó e sal marinho. A composição final da cesta de cada semana dependeu da oferta de produtos pelos produtores e comerciantes citados e do custo final de cada cesta orçado em 80 reais.

A ação foi articulada com as videoconferências sobre a conjuntura econômico-política-ambiental regional e global, com hortas caseiras no Recanto e Comuna, plantação de macaxeira na área rural, sessões de relaxamento/meditação e atividades internas com as crianças das casas durante a quarentena. As reuniões gerais on-line do movimento contaram com representantes das 12 famílias que receberam a cesta básica de alimentos saudáveis. Do ponto de vista de identidade cultural foram duas famílias maranhenses, quatro indígenas da cidade e seis famílias venezuelanas.

Os hábitos alimentares internalizados e a oferta massiva de alimentos processados a preços mais baixos que os alimentos agroecológicos e artesanais continuam sendo nossos maiores desafios. As reflexões grupais em torno de produtos naturais-saudáveis e os riscos que os alimentos industrializados trazem para a saúde foram muito interessantes. Porém, quando se trata de comida, o intelecto está sob o domínio do paladar. Plantar, colher, processar e preparar os alimentos demanda tempo e conhecimento. Dona Maria, 71 anos, recolhia espigas de tambaqui na feira, com elas produzia óleo de peixe para fritar arepas e ovos. As arepas também eram feitas de forma artesanal com espigas de milho seco. Ela moía o milho, punha de molho na água e depois preparava a massa para fazer as arepas. Conhecimento tradicional e alimento barato. A questão é o tempo. Sua filha trabalhava com carteira assinada e pagava as contas. Ela se dedicava ao artesanato, à alimentação saudável e às plantas. Uma mestra em agroecologia. Participou no grupo de gênero e no minicurso de Português de Acolhimento.

Partindo da alimentação chegamos à saúde, à política, à economia, à espiritualidade, à educação, à convivência, entre outras áreas da existência humana. Passamos da leitura do mundo para a leitura da vida. As refeições permitem resgatar o caráter ritualístico e potencializar a convivência, principalmente quando reúnem várias pessoas que participam de uma ou mais ações culturais do movimento.

É difícil mensurar o impacto das oficinas, das aulas e das refeições no dia a dia dos participantes. Ainda mais que temos uma grande rotatividade de moradores nas casas e de participantes nos eventos do movimento. Mesmo assim, acreditamos que fazemos parte e estamos constituindo um campo informacional em relação à energia vital cujo eixo é o respeito à vida.

## A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL COMO META

A obra de Paulo Freire tem na transformação social um fio condutor perpassa do início ao fim. O homem deve ser sujeito da história e não objeto, transformar o mundo, expressá-lo e expressar-se são próprias dos seres humanos (FREIRE, 1983a, p. 108). Porém ao criar o mundo material e simbólico os homens são também por ele condicionados. O homem chega a ser sujeito por meio de ações coletivas e organizadas para a construção de sua humanidade destruída nas relações de poder opressivas. (FREIRE, 1983a, p. 105).

A grande luta dos seres humanos é a luta pela humanização que consiste em tomar consciência de nossas ações, em atuar em função das finalidades que estabelecemos e

impregnar o mundo com nossa presença criadora (FREIRE, 1985a, p. 105). Somos desafiados pela realidade e a desafiamos. Somos desafiados pela dramaticidade de cada momento, agimos superando o desafio e criando novas situações. Não estamos num presente estático, nem num futuro predeterminado (FREIRE, 1983a, p. 84; 1986, p. 34).

Vamos denominar a tomada de consciência em relação às estruturas socioculturais opressivas e a construção de *modus vivendi* coletivos que produzam bem estar de emancipação social. Para Alejandra Astrid (2006) a emancipação tem a ver com a ocupação de espaços de possibilidades. Como potência e resistência que é cotidiana e fractal. Sua extensão e intensidade na contraposição aos sistemas de controle social baseados na coerção e introjeções sutis são irregulares e dinâmicas.

Esse movimento antecipatório envolve compreensão das estruturas políticas e econômicas da sociedade globalizada contemporânea. A partir do diálogo e da percepção do cotidiano das pessoas em torno temas relevantes levantados pelos grupos. Bem como, perceber os padrões de distinção de idade, raça, etnia, religião, classe social, gênero, entre outros, que condicionam nossa percepção e nosso comportamento no correr das relações sociais.

Um situação emblemática que enfrentamos nas ações culturais acima descritas é combinar a visão de mundo dos participantes com informações providas do campo científico. Por exemplo: a terminologia do texto que usamos para discutir alimentação imunomoduladora e anti-inflamatória é eminentemente técnica, bastante distante da linguagem coloquial, porém a problemática sobre resistência ao coronavírus estava clara para todos. Da mesma forma os alimentos citados no texto eram de conhecimento comum e vários integrantes do grupo tinham experiências com alimentos que fortalecem o sistema imunológico. Então foi possível avançar na elaboração de uma lista de alimentos saudáveis para serem consumidos na quarentena entre 17 de março a 31 de julho de 2020 na Comuna e no Recanto.

Reverter a tendência dos agentes culturais que estão coordenando as ações assumirem o papel de professores típicos da educação bancária é outro desafio constante. Como observa Paulo Freire num escrito sobre ação cultural e reforma agrária de 1968 não se trata de sobrepor-se a visão de mundo do oprimido e invadi-los culturalmente ou de adaptar-se a ela (FREIRE, 1982, p. 30). Em outro texto ele afirma categoricamente: “Sempre confiáramos no povo. Sempre rejeitáramos formas doadas. Sempre acreditáramos que tínhamos algo a perguntar com ele. Nunca exclusivamente a oferecer-lhe...só nas bases populares e com elas, poderíamos realizar algo de série e autêntico para elas” (FREIRE, 1983c, p 102)

A transformação social envolve a construção de novas sociedades e a resistência às forças hegemônicas que dominam as sociedades atuais. Todos os dias surgem milhares de pequenos e grandes espaços de resistência e criação. E quando se acabam, mudam de forma ou se manifestam de outras maneiras. Lembrar disso é importante, principalmente em momentos de avanço das forças conservadoras e autoritárias na política mundial (CEDEÑO, 2012, p 45).

Quando falamos em resistência estamos pensando nas ações coletivas voltadas para resistir a expansão e aprofundamento das desigualdades sociais e processos de homogeneização cultural nas sociedades capitalistas contemporâneas. Houve uma expansão das políticas públicas de inclusão na América Latina, em especial, Brasil e Venezuela na primeira década do século XXI, porém estamos assistindo nos últimos anos um retrocesso capitaneado pelas forças elitistas e conservadoras em várias países da Europa, América e Ásia. Em Roraima além do retrocesso político assistimos à militarização do fluxo migratório.

Queremos potencializar as formas de resistência e de criação que fortaleçam subjetividades rebeldes, que sejam sensíveis ao horror e que questionem a lógica de expansão

e concentração do capital sem limites. Na carta sobre o direito e o dever de mudar o mundo terminada no dia 17 de abril de 1997, Paulo Freire escreve:

É certo que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir de sua realidade concreta a que “chegam” em sua geração, e não fundadas ou fundadas em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões. O que não é, porém, possível é transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto/.../. A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto da indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Na verdade, a transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político e seria uma ingenuidade não reconhecer que os sonhos têm seus contra-sonhos. (FREIRE, 2000, p 26)

A transformação das relações sociais constituídas por muitas micro transformações cotidianas no pessoal e no coletivo em vistas uma convivência humana onde haja bem estar e respeito ao conjunto de seres que interagem conosco é nossa utopia, nosso sonho e nossa meta.

## COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Encontrar a obra de Paulo Freire foi uma oportunidade de enxergarmos a educação como um processo que envolve necessariamente a conscientização política e a emancipação social, por isso, enxergamos que esses atravessamentos entre sua teoria e nossas ações reluzem de forma eficaz na nossa prática. As aulas, oficinas e discussões não se encerram quando os encontros acabam, são parte das nossas vidas.

Diante do poderio das estruturas econômicas, políticas e ideológicas que tentam nos transformar em objetos dóceis de sua força, mulheres e homens devem ser sujeitos da história e não objeto (FREIRE, 2000, p 27).

Somos seres criativos, com capacidade de produzir a beleza e o bem-estar. Porém ao criar o mundo material e simbólico os seres humanos são também por ele condicionados. Chegamos a ser sujeitos por meio de ações coletivas e organizadas para a construção de sua humanidade destruída nas relações de poder opressivas. (FREIRE, 1983a, p. 105).

Para além da oferta de espaços de reflexão e aprendizagem, as aulas de português, a oficina de gênero e as reuniões para estudar alimentação saudável criou-se uma rede de apoio mútuo. Nesse contexto muitas vezes se colocam oportunidades de geração de renda, construção de laços afetivos, questionamentos de verdades dadas como absolutas, criação de novos planos.

Refletir sobre nossas experiências através deste trabalho nos levou a compreender que as ações executadas são espaços múltiplos que envolvem acolhimento, escuta, fala e aprendizagem. Eles potencializam a troca de experiências, a construção de vínculos e novas perspectivas de vida, se mostrando como uma alternativa possível na luta por garantia e respeito à dignidade humana e fortalecimento dos grupos sociais subalternos. Algo muito próprio ao ser humano: transformar o mundo, expressá-lo e expressar-se (FREIRE, 1983a, p. 108).

A fé na capacidade do ser humano tomar consciência da realidade social e transformá-la é um dos alicerces do pensamento freiriano. Seres inconclusos, conscientes de sua inconclusão numa realidade inacabada, mas que podem estabelecer criticamente um sentido para tudo. Ele é capaz de decidir, optar, valorar. Objetivando, valorando e sentindo as pessoas são capazes de agir conscientemente sobre a realidade, em especial sobre o mundo humano, produto da ação do próprio homem. (FREIRE, 1983a, p 39,43,83, 92,103; 1983b, p. 25).

Nossas experiências no movimento nos mostram que as ações culturais transformadoras podem constituir-se como momentos de reflexão sobre as práticas sociais dos participantes. Podem potencializar possibilidades geradoras de beleza, bem estar e convivência harmoniosa. Fazem parte dos inéditos viáveis evocados por Paulo Freire em relação às possibilidades de transformação social em vistas ao bem comum.

## REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília, Liber Livro Editora, 2007.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=resultados>

CEDEÑO, Alejandra Astrid Leon. **Psicología Comunitária de lo cotidiano – arte y acción Psicosocial em Londrina (Brasil)**. Searbruckin: Editorial Academica Española, 2012.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Conscientização – teoria e prática de libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1986.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 15. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983c.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de mudanças**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

LIMA, José Carlos Franco. **Um diálogo crítico: o papel do educador na educação dialógico-libertadora a partir de Paulo Freire**. Curitiba: UFPR/Especialização em Antropologia Filosófica, 1989.

LIMA, José Carlos Franco. Visão panorâmica da migração venezuelana em Roraima (Brasil). 2019. In: IV SEMINÁRIO RORAIMENSE DE DIREITO E PROCESSO DO TRABALHO EM BOA VISTA (RR): DIREITO E PROCESSO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DA IMIGRAÇÃO, UMA QUESTÃO DE IGUALDADE FORMAL. **Anais...** 28.06.19. Disponível em: <https://escola.trt11.jus.br/index.php/noticia-ejud/2052-vis%C3%A3o-panor%C3%A2mica-da-migra%C3%A7%C3%A3o-venezuelana-em-roraima-brasil-2019.html>. Acessado em: 01/08/2020.

LIMA, José Carlos Franco. Acolhimento, proteção e inserção criativa: Uma reflexão sobre a metodologia do Projeto de Apoio a Refugiados em Roraima (2017-2018). Goiânia. **Revista da UFG**, v. 19, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5216/revufg.v19i0.56103>

OLIVEIRA, Márcia Maria; DIAS, Maria das Graças Santos, organizadoras. **Interfaces da mobilidade humana na fronteira amazônica – V 2**. Boa Vista, Editora da UFRR, 2020.

PERES, Gabriela da Costa Norberto; RODRIGUES, Francilene dos Santos. Xenofobia, racismo e estigmas nas terras de Macunáima. In: **Coletânea Migração & Wash**, Boa Vista, Editora da UFRR, 2020.

## SOBRE O AUTOR

José Carlos Franco de Lima: Pos-doutor em Psicologia social pela UNESP, doutor em antropologia pela PUC-SP, mestre em sociologia política pela PUC-SP, especialista em antropologia filosófica pela UFPR, licenciado em Estudos Sociais pela FEBE-SC, educador popular na Favela Heliópolis de 1990 a 1995, facilitador em percepção corporal em grupo desde 2000, agente cultural do movimento Apuí.

Fernanda Ingredy Dantas de Araújo: Graduada em Psicologia pela UFRR, mestranda em antropologia social pela UFRR, especialista em direitos humanos pelos Claretianos – Rede de Educação, facilitadora de oficinas de gênero no movimento cultural Apuí.

Layde Dayane Martinho de Andrade: Licenciada e bacharel em Ciências da Computação pela UFRR, mestre em Ensino de Ciências pela UERR, especialista em tecnologia e educação a distância pela FESL-Brasil, graduada em formação pedagógica/licenciatura em informática pelo IFAM-AM, bacharel em sistema de informação pela FAA-RR, agente cultural do movimento cultural Apuí.

## COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

LIMA, José Carlos Franco de; ARAÚJO, Fernanda Ingredy Dantas de; ANDRADE, Layde Dayane Martinho de. Pelas veredas da transformação social: aproximações entre o pensamento freiriano e as ações culturais do movimento cultural Apuí. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, Edição temática – Paulo Freire, p. 222-236, 2020. E-ISSN: 2675-3294.

**Submetido em:** 08/07/2020

**(01) Revisões requeridas em:** 04/09/2020

**(02) Revisões requeridas em:** 09/10/2020

**Aprovado em:** 16/10/2020